

A ESCRITA ESPELHADA COMO MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO PRÉ-OPERATÓRIO

Antonio Valente

Do Departamento Nacional
do Serviço Social do Comércio -
Rio de Janeiro



Esta comunicação foi apresentada, originariamente, no I Congresso Brasileiro Piagetiano, realizado no Rio de Janeiro em setembro de 1980. Desde a época em que foi escrita, não realizamos outras investigações sobre o

assunto. A razão de publicá-la tem, inclusive, a intenção de permitir que outros pesquisadores, porventura interessados no tema, prossigam as investigações neste sentido.

O fenômeno da escrita espelhada, embora tenha

sido objeto de inúmeras pesquisas, até hoje não pôde ser explicado satisfatoriamente. Cremos, entretanto, que as descobertas de Jean Piaget, sobretudo as referente ao caráter irreversível do pensamento pré-operatório, bem como à construção gradativa desta reversibilidade no pensamento infantil, sugerem interpretações possíveis de encaminhar as investigações deste fenômeno por caminhos mais promissores.

Algumas observações nos permitem sugerir a tese de que o espelhamento da escrita ocorre devido à dificuldade que a criança encontra para reverter a ação de escrever, quando escreve em sentido contrário ao qual aprendeu. Deste modo, tratar-se-ia de uma manifestação típica do pensamento pré-operatório.

A consideração dessa tese traz consigo diversas implicações para a interpretação do fenômeno. Não seria, por exemplo, um fenômeno no âmbito restrito de domínio da leitura e da escrita e sim a manifestação num campo específico de uma característica global do comportamento do sujeito.

Não se trataria, ainda, de um fenômeno patológico, posto que corresponde às características normais do pensamento do sujeito em determinado período do seu desenvolvimento. A anormalidade, se existir, correrá por conta de atrasos no que se estabelecer como limites para

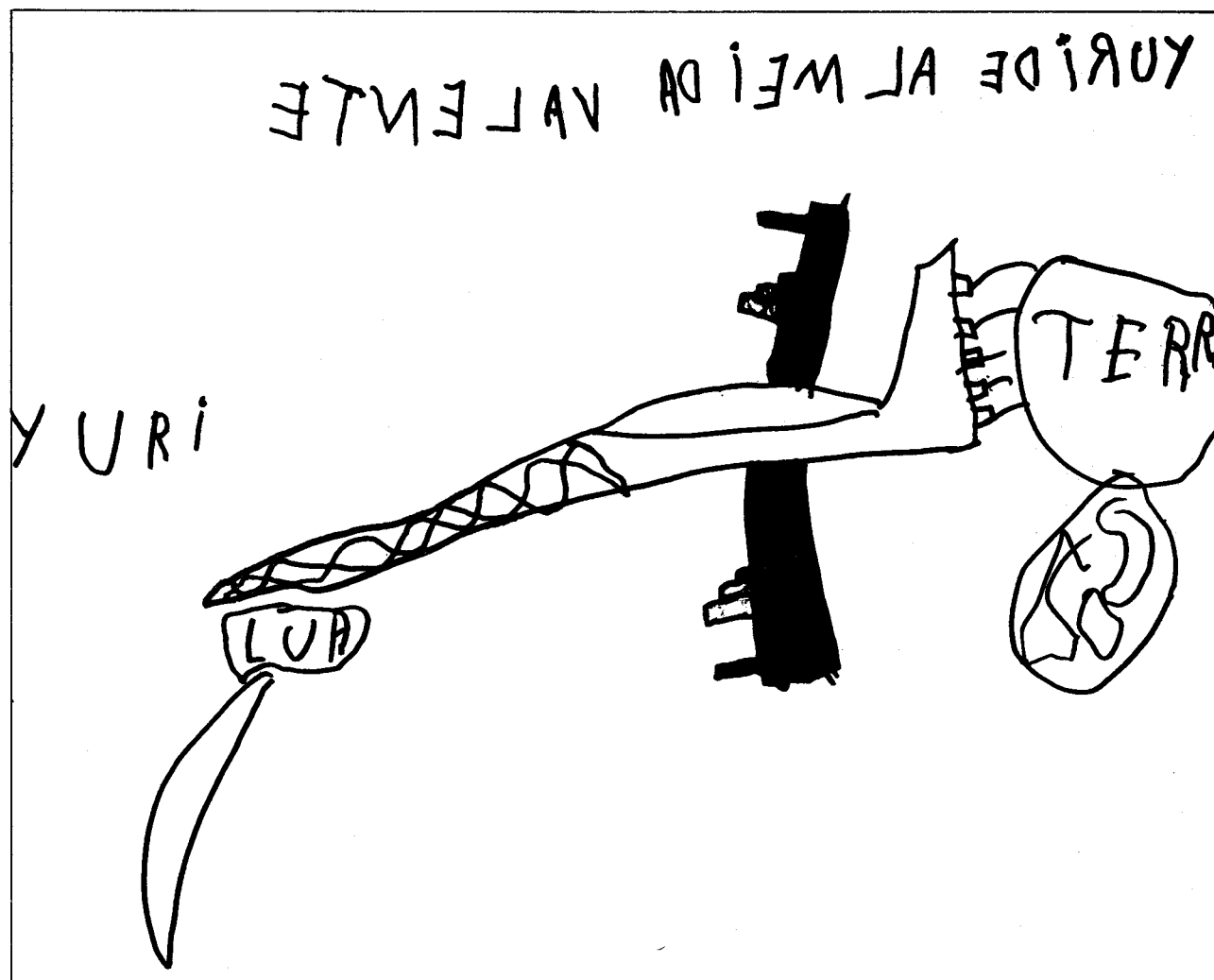
a duração destes períodos ou por conta de intervenções desastrosas.

Desta forma, ficariam excluídas as interpretações do fenômeno de bases puramente neurológica, bem como a sua associação — que até onde pudemos verificar, não pôde ainda ser demonstrada de forma incontestável — com o quadro clínico das disfunções da linguagem (dislexias, disgrafias, etc).

Por fim, abandonar-se-ia as tentativas de interpretação do fenômeno no âmbito das dominâncias cerebrais a que se foi conduzido inicialmente a partir da hipótese de que se tratava de um fenômeno típico da sinistria. De fato, o fenômeno poderá ocorrer com características peculiares na criança canhota, como também poderá ser peculiar a sua progressão nestes casos. Mas a explicação do seu aparecimento com base na irreversibilidade do pensamento pré-operatório permanecerá a mesma em quaisquer casos.

As observações que pretendemos citar em reforço desta tese foram feitas, primeiramente, na escolinha "A Chave do Tamanho", ampliadas na "Creche-escola Supysaua" e, posteriormente, com sujeitos individuais.

A primeira observação foi casual e teve como sujeitos as crianças pré-operatórias da escolinha "A Chave do Tamanho" que já sabiam escrever os seus



nomes em letras de imprensa maiúscula mas que, evidentemente, não dominavam o mecanismo da leitura. A observação consistiu em perceber que todos os nomes espelhados eram escritos junto a margem direita do papel.

A segunda observação consistiu em testar, experimentalmente, a suposição de que as crianças somente escreveriam espelhadamente junto à margem direita e que, estas mesmas crianças, escreveriam corretamente junto a margem esquerda. Esta hipótese se confirmou plenamente, conforme o exemplo que reproduzimos aqui do Davi, criança de 4 anos e 11 meses, e pode ser facilmente verificada com crianças nestas condições, bastando que se lhe peça para escrever o nome naturalmente e, em seguida, apontar a margem direita do papel e pedir que escreva novamente o nome "bem no cantinho".

A terceira observação foi feita com meu filho de 7 anos e 4 meses, entrando nas operações concretas, que já dominava o processo de leitura e escrevia também em letras de imprensa maiúscula. Ao Yuri fiz inicialmente a mesma solicitação que foi feita às crianças menores, constatando que ele já não se valia do espelhamento para atender a solicitação de escrever "bem no cantinho" direito do papel. Contudo, a experiência foi interessante porque lhe pedi, depois, diretamente, que escrevesse da direita para a esquerda. Ora, este experimento permitiu perceber que, mesmo não espelhando naturalmente, a criança de mais idade escreve espelhado sem dificuldade, o que, por si só, já demonstra que tal forma não violenta seus esquemas lógicos. Ainda mais se considerarmos que o espelhamento não foi mencionado por mim (pedi-lhe, apenas, que escrevesse "de lá para cá") e que, perguntado depois, se "estava certo", aquiesceu.

Ora, buscando interpretar estes fatos, é necessário considerar que a criança *se satisfaz plenamente com ambas as formas*, apresentando ambos os resultados como corretos. Além disso, deve-se ter em mente que elas *não encontram nenhuma dificuldade* para escrever em sentido contrário, espelhadamente.

Ora, que significado podem ter estes fatos senão o de que a escrita espelhada é a forma normal da criança pré-operatória escrever em sentido contrário ao que aprendeu?

Mas ainda não alcançaremos a explicação do fenômeno se nos prendermos ao seu resultado, ou seja, à escrita espelhada. Não nos esqueçamos que a criança não se importa com ela e o que nos interessa, do ponto de vista da investigação piagetiana, é exatamente o ponto de vista da criança.

De fato, à confusão que em tantos outros casos Piaget apontou entre o ponto de vista do observador e o da criança e que também ocorre neste caso é o de que, para o observador, a inversão do sentido da escrita representa, de fato, a *forma inversa* do ato de escrever e a escrita espelhada que daí resulta é vista, também como uma *inversão*. Ora, do ponto de vista da criança, vale dizer, do ponto de vista da sua ação, ocorre justamente o oposto: a escrita em sentido inverso, conjugada com o seu espelhamento, é a ação exatamente correspondente da ação direta (escrita correta) sem nenhuma inversão. Do ponto de vista da criança, o sentido da escrita em ambos os casos, nos parece, é o sentido

"de fora para dentro", apenas.

Pode-se dizer, então, aperfeiçoando a conclusão anterior, que a *ação de escrever no sentido direita-esquerda é a reprodução da ação direta de escrever no sentido esquerda-direita e não a sua inversão*, o que se constitui num comportamento típico da criança pré-operatória, incapaz de reverter suas ações no plano da representação. O espelhamento da escrita que daí resulta se constitui como que numa *comprovação* desta afirmativa (lembremo-nos de que um sujeito operatório poderá escrever no mesmo sentido direita-esquerda sem espelhar a escrita).

Uma questão que parece ficar em aberto consiste em saber, então, porque a criança, em determinado momento, opta por escrever em sentido contrário, ou seja, no sentido direita-esquerda.

Esta questão que, aparentemente, parece capital, a nosso ver é seguramente secundária e poderá, apenas, desviar nefastamente o curso da investigação.

Para nós, esta opção se coloca para a criança como uma mera circunstância, como no caso da solicitação para que escreva junto ao canto superior direito da folha de papel. Acreditamos, inclusive, que muitas crianças deixam de escrever espelhadamente por uma simples falta de ocasião. Trata-se de um dado simples mas que pode comprometer seriamente um levantamento estatístico de ocorrência do fenômeno desprovido das premissas aqui levantadas.

Um caso interessante que parece comprovar esta hipótese é o da escrita espelhada, observada por mim, num muro que circundava um estacionamento na cidade de Vitória/ES. A palavra "estacionamento" estava escrita em letras de imprensa maiúsculas nas duas partes do muro, à esquerda e à direita do portão de entrada, respectivamente. Na parte esquerda, a palavra estava escrita corretamente, enquanto que na parte direita, a palavra estava escrita espelhadamente no sentido do meio do muro para a entrada, ou seja, da direita para a esquerda.

Fica evidente, neste caso, que, para o sujeito, se colocou um problema de ordem prática, típico de uma estrutura de pensamento pré-operatória. Tratava-se de fazer convergir a leitura e a atenção para a entrada do estacionamento que se oferecia. Parece-nos, sobretudo, que, desprovido dos mecanismos de conservação operatória, o espaço do sujeito pré-operatório não possui sentido (a noção de sentido necessita, a nosso ver, obrigatoriamente, de uma estrutura reversível pois só há um sentido se houver o seu inverso). Daí lhe ser totalmente indiferente escrever da esquerda para a direita ou vice-versa. Deste modo, a estrutura pré-operatória determina, ou melhor dizendo, permite que tal problema seja admitido (um sujeito operatório, por exemplo, saberia imediatamente que não há como atingir o pretendido).

Assim, a necessidade de escrever em sentido contrário se apresenta por razões fortuitas ou por uma "intenção impossível", ambas, no entanto, se concretizando apenas por que concebidas por um pensamento pré-operatório.

Por fim, uma comprovação seria decisiva no sentido de demonstrar que o fenômeno da escrita espelhada é uma manifestação típica da irreversibilidade do pensamento pré-operatório e não decorre de nenhum distúr-

bio neurológico ou de qualquer outra natureza. Trata-se de verificar, como supõe a nossa tese, que o espelhamento da escrita somente ocorre *após* a criança haver dominado o sentido correto da escrita.

Caberia acrescentar que, embora se defenda a origem comum do aparecimento da escrita espelhada como um fenômeno normal no quadro do pensamento pré-operatório, nada impede que a manifestação do fenômeno se deflagre a partir de outras causas secundárias. Assim, se explicaria a sua ocorrência em determinados casos e a sua não ocorrência em outros, como também, a sua provável maior incidência entre os sinistros. O que

defendemos, fundamentalmente, é a explicação do seu aparecimento inicial como uma manifestação típica da conduta pré-operatória, em todos os casos, o que acreditamos poderá conduzir as pesquisas em torno das circunstâncias da sua ocorrência, uma vez que ficam afastadas as hipóteses infecundas que até hoje obstruíram a sua compreensão.

Por fim, cremos que, se comprovada esta tese, uma das suas utilidades mais imediatas seria a de excluir o espelhamento da escrita do rol dos comportamentos que contam pontos negativos nos testes de prontidão para a leitura e a escrita.